

O TRAJE COMO REDENÇÃO EM RUROUNI KENSHIN

The costume as redemption in Rurouni Kenshin

Sousa, Luiza Marcato Camargo de; Belas Artes, luiza.marcato@hotmail.com¹

Resumo: O artigo visa analisar as relações simbólicas do traje de Kenshin Himura e os elementos do cenário, utilizados na construção da nova personalidade pacífica do alter ego Battousai dentro da adaptação para cinema do mangá Rurouni Kenshin. Entende-se que a transição entre os trajes espelha o novo pensamento e atitudes propostas para a personagem, quando obrigado a revisitar as atitudes do passado mesmo no novo mundo.

Palavras chave: Cinema; Traje de cena; Rurouni Kenshin.

Abstract: The article aims to analyze the symbolic relations of the Kenshin Himura costume and the elements of the scenery, used in the construction of the new peaceful personality of the alter ego Battousai, within the cinema adaptation of the manga Rurouni Kenshin. It is understood that the transition between costumes mirrors the new thinking and attitudes proposed for the character, when forced to revisit the attitudes of the past even in new world.

Keywords: Cinema; Costume design; Rurouni Kenshin.

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é levantar os elementos do desenho da cena, com destaque para o traje, que comunicam a trajetória de redenção do personagem Kenshin Himura, considerando as adaptações para o cinema da obra original de Nobuhiro Watsuki. A estratégia de desenvolvimento está embasada na coleta de dados em fontes secundárias e em fontes midiáticas, em detrimento a impossibilidade de comunicação com fontes primárias de informação. A trajetória da pesquisa é definida em três parâmetros: contexto histórico, relação cultural e peso simbólico.

A produção ficcional apresenta o panorama histórico depois do regime militar, com a inserção do novo sistema de governo que promete a paz, inspirando-se na real história japonesa. A obra apresenta a transição de um sistema para o outro como o mais violento de todos, sugerindo que militares assassinos pavimentaram a nova reforma, categoria ao qual o personagem principal, Battousai Himura, pertence. É relevante destacar as informações sobre o traje tradicional japonês e a língua, porque o espaço texto carrega fortes elementos definidores da personalidade de Himura, enquanto a vestimenta e as cores são suportes para a identificação do processo de redenção. No âmbito

¹ Estudante de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

simbólico, a espada de lâmina invertida, a cicatriz em forma de cruz e o vento, apoiam a trajetória da mudança de vida e arrependimento.

No desenvolvimento, utilizamos as obras **Rurouni Kenshin:Meiji Kenkaku RomanTan** (2012); **Rurouni Kenshin: Kyoto Taika-hen** (2014), **Rurouni Kenshin: The Final** (2021) todas com direção de Keishi Ōtomo. Podendo criar comparativos de significados para a escolha de desenho de traje, cores, símbolos e linguagem.

Xogunato Tokugawa e a Restauração Meiji

Rurouni Kenshin usa como pano de fundo partes da história, iniciando com o período japonês que contempla de 1603 a 1868, recebendo vários nomes como Era Edo e Xogunato² Tokugawa. O Xogum Tokugawa traçou estratégias que lhe garantiam controle absoluto das terras, dando fim aos movimentos rebeldes, resgatando da Era Sengoku o desarmamento dos camponeses. O *Katana gari*³ proibia o porte de espadas a todos que não pertenciam à classe samurai (YAMADA, 2014, p. 67).

A estrutura do Xogunato se assemelha à estrutura feudal ocidental, criando regulamentos de comportamento econômico e social, demarcando as classes sociais e impedindo mudanças. A nobreza no topo, seguida pela classe guerreira samurai, lavradores, comerciantes e os marginalizados (YAMASHIRO, 1964, p. 108). Esse sistema levou ao fechamento, literal e figurativo, do país em 1637. Os portos foram fechados para o resto do mundo (com algumas poucas permissões) e começou o processo de organização do que era visto como a cultura nacional pura, desenvolvendo-se sem grande influência estrangeira e crescimento demográfico urbano, o que consolidou ainda mais a divisão de classes (SAKURAI, 2007, p.126).

Yamada (2014) remete às rebeliões armadas de alguns clãs, a troca de gerenciamento e a execução contínua de rebeldes, gerando crises sociais e econômicas, os senhores executados deixaram para trás camponeses e samurais sem título, esses, se tornaram *ronin*⁴. Entre 1853 e 1867 aconteceu o *Bakumatsu*, transição entre os períodos Edo e Meiji, marcado por guerra entre os clãs defensores dos xoguns e os apoiadores do

² Forma adaptado do japonês para o português, referindo-se a *bakufu* 「時代」 no original.

³ 「刀狩」 carrega o significado literal de “Caça às espadas” (YAMADA, 2014, p. 67).

⁴ 「浪人」 o termo foi designado a guerreiros samurai que não possuem um mestre para servir. Esses homens vagavam sem destino certo. Hoje, o mesmo termo é utilizado para estudantes em fase de vestibular que não estão mais no ensino regular.

imperador e do novo regime, período com muitos assassinatos encomendados. Com a vitória do imperador, um tratado entre Japão e Estado Unidos foi firmado em Kanagawa. Assim, o Japão deu fim a sua política de isolamento e o sistema político foi substituído (YAMASHIRO, 1964, p. 130 - 142).

A Era Meiji (1868 - 1912) marca o início do país unificado e o abandono do feudalismo e sua estrutura social. Ofereceu paz e fim do massacre *Bakumatsu* (YAMASHIRO, 1964, p. 141). A pressão feita pelas potências ocidentais obrigou a abertura para a revolução industrial e para o sistema capitalista (BARBOSA DA SILVA, 2009, p. 320). Yamashiro, comenta como as mudanças e reformas modernas afetaram o Japão que aderiu parte do comportamento e da cultura ocidental. A espada foi completamente proibida, apenas uma parte especial da polícia possuía o direito ao porte e a discriminação entre classes sociais foi abolida, mas gerou comunidades miseráveis (YAMASHIRO, 1964, p. 150).

As instituições políticas, administrativas e as casas mais ricas adotaram hábitos ocidentais como forma de demonstrar ascensão e os funcionários públicos foram obrigados a utilizar trajes ocidentais (YAMASHIRO, 1964, p. 150). Tornou-se comum a mistura do tradicional oriental com a nova moda ocidental, principalmente com os chapéus e ternos, o uso do algodão também recebeu atenção. O imperador aderiu ao traje militar ocidental, como símbolo da capacidade de abertura e adaptação do país (RIBEIRO; SANTOS, 2017, p. 275).

A representação histórica dentro de Rurouni Kenshin

A obra apresenta Kenshin Himura como um andarilho pacífico, escondendo seu passado, ele era Battousai, conhecido pela técnica mortal do uso da espada durante o *Bakumatsu*, lutando ao lado dos opositores ao militarismo, acreditando que o novo sistema de governo significava melhora para a nação. Buscando redenção pelos crimes de guerra, jurou nunca mais matar, tornando-se então um *rurouni*, traduzido livremente como ‘andarilho’, um trocadilho com a palavra *ronin*, sugerindo a relação com samurai sem clã. Vagou pelo país até encontrar Kaoru, professora de um dojo que o convida a ficar permanentemente. Mesmo decepcionado com os problemas do novo governo e da fácil corrupção da polícia, ele se esforça para manter o passado longe, mas sua identidade é descoberta e aparecem oponentes vingativos e encomendas de assassinatos em nome do sistema Meiji.

É possível ver as mudanças sociais do período dentro dos elementos da obra. O desenho da cena (imagem 1) constrói a diferença entre os pensamentos, obrigações, a vida e a perspectiva de futuro do homem que pertence ao Xogunato e ao que pertence ao Meiji. Dividindo a cena ao meio, os elementos pesados, opacos, escuros e manchados ao lado de Kenshin, além do kimono e do hakama escuro, representando seu pertencimento ao período de guerra, ressalta sua criação pertencente ao mundo antigo. Em oposto, os elementos leves, translúcidos, a esposa ao fundo, o corte de cabelo e o traje claro e ocidentalizado do artesão, filho do produtor de espadas no período de guerra. Este homem foi criado com a promessa de paz e desenvolvimento do Meiji.

Imagem 1 - Kenshin e o artesão



Fonte: Rurouni Kenshin: Kyoto Taika-hen (2014)

A Ética Samurai

As artes marciais e a dedicação à filosofia que envolve a prática está intrinsecamente ligada a construção de autoidentificação e ligação com o passado para os japoneses (SAKURAI, 2007 p.47) levando ao tratamento respeitoso e honrado às práticas e aos elementos ligados a ela, traço destacado no filme com a construção da personalidade de Kenshin. Exteriorizado no cenário com a presença de hortênsias (como elemento simbólico popular para honra, lealdade e juventude) em seu trajeto até o Dojo Kamiya, a retirada dos sapatos ao entrar no *engawa*, a reverência ao entrar no edifício e o vício de linguagem formal que a personagem carrega.

A permanência da fala polida de Kenshin está ligada ao pensamento ético e filosófico desenvolvido por parte dos samurais durante o período de fechamento do país, evidenciado pelo uso do pronome *sessha* 「拙者」 termo equivalente a ‘eu’ traduzido nas obras como ‘este servo’, é interessante ressaltar que antes da era Edo o termo antigo para os samurais era associado a servo e recebeu sentido de classe guerreira posteriormente. Pode-se relacionar o significado a pessoa desajeitada ou inábil, levando em consideração que, até o início do período Meiji, a classe samurai não exercia outra função que não a guerreira, assim, não possuía outra competência. Como uma representação irônica e evolutiva, Kenshin se esforça para realizar serviços domésticos habilidosamente. O personagem é criticado pela formalidade do, taxado de antiquado ou

insignificante pela não mais existência dessa honra. Outro vício de linguagem é o uso, em japonês, da finalização honorífica de frases: *degozaru* 「でござる」 essa unidade gramatical é comum dentro do período citado, mas ressaltado por Himura. A importância desses artifícios linguísticos é evidenciada toda vez que o personagem os abandona criando um padrão: o uso formal e educado é usual em sua comunicação, mas quando confrontado por pessoas e situações que desejam reviver o antigo assassino a linguagem pouco respeitosa é adotada.

O traje e a redenção de Kenshin Himura

No período Edo a população comum vestia *kimono*⁵ longo ou *kosode*, normalmente descalços, com tamancos altos de madeira ou com sandálias de palha para trabalhos no campo (LEVENTON, 2009, p. 192). Amarrado à cintura, o *obi* de tecido ou couro, com o passar do tempo, tornou-se comum ser largo para mulheres e estreito para os homens (ANAWALT, 2011, p.201). Ainda segundo Anawalt, poucas camadas de tecido, sem proteção e com as cores naturais da fibra, marrom ou índigo, já que não podiam usar roupas coloridas e nem armamento, licença dada apenas à classe samurai ou superior. Os guerreiros também usavam kimono ou kosode, com *hakama*, uma calça larga e pregueada, comum durante treinos marciais, *obi* estreito e a *katana* presa ao *obi* (LEVENTON, 2009, p. 192). Assim como os nobres, a classe samurai usava seda, trajes finos e coloridos, normalmente a cor do *kosode* era ligada ao brasão do clã ao qual era leal, com o acréscimo das armaduras, essas variam em estilo, camadas e materiais, mas normalmente protegem o torso e os braços (RIBEIRO; SANTOS, 2017, p. 273). É interessante ressaltar que apenas os clãs ricos podiam pagar pelas armaduras de seus militares, assim, samurais de classe baixa e os *ronin* não costumavam utilizá-las. Alguns usavam armaduras roubadas de guerreiros mortos.

Enquanto retalhador, Battousai usa proteção nos antebraços, visível sob as mangas do *kimono* e *hakama* preto ou azul escuro, é interessante ressaltar que, nos quadrinhos que inspiraram o filme, Battousai usa kimono azul, opondo-se a intensidade do vermelho que utiliza como Kenshin. Enquanto andarilho, Himura usa tons de marrom, além do chapéu trançado usado em viagens. Carrega a espada *sakabatou* presa ao *hakama*, coberta

⁵ 「着物」 traduzido literalmente como 'coisa de vestir', é a identificação genérica da indumentária tradicional japonesa.

com tecidos e amarrações para disfarçar sua presença. É interessante ressaltar a constante presença do *hakama*, a peça é comum dentre os praticantes de artes marciais por facilitar os movimentos, assim como a sandália de palha, ambos acenos a dificuldade de desassociação com o passado. Na imagem 2 podemos identificar o traje que remete a Battousai e ao andarilho Kenshin.

Imagem 2 - Respectivamente: Battousai e andarilho Kenshin



Fonte: Rurouni Kenshin Meiji Kenkaku RomanTan (2012)

Depois de estabelecer laços de amizade com Kaoru, a atual dona do Dojo Kamiya. Kenshin é convidado para morar ali, deixando de ser um andarilho. Nessa adaptação, cabe a Kaoru entregar a Kenshin o traje com o design característico do personagem nas obras originais: *hakama* cinza e *kimono* vermelho, a cor da vida, coragem e bravura, ligada à realização espiritual por viver a vida cotidiana (MARTIN, 2020, p. 638). A sequência que define a mudança de Battousai para Kenshin inicia com o som de um sino de vento enquanto ele veste apenas o *kimono*. O vento e o sino são elementos muito evidenciados nas obras, são representações de mensagens de felicidade e afastamento do negativo, enquanto o som suave do sino é símbolo de boas notícias (MARTIN, 2020, p. 672). Com o novo *kimono* e com sandálias altas tradicionais, Himura aprecia a passagem do vento, agradecido pela oportunidade de paz e recomeço em um lugar que entende a espada pela vida. Vemos a sequência na imagem 3.

Imagem 3 - O novo traje e a passagem do vento



Fonte: Rurouni Kenshin:Meiji Kenkaku RomanTan (2012)

Dentro das performances do Kabuki a púrpura era ligado a realeza e o azul ao vilão. Tinha-se a superstição de que as pessoas más teriam sangue azul. Shishio, o principal vilão da narrativa, é contra o novo regime e deseja tomar o poder político e restabelecer o sistema militar feudal como vingança. Seu traje permeia o azul e o púrpura, sendo a última uma cor ligada ao estado moribundo em algumas culturas (MARTIN, 2020, p. 654), além disso, o púrpura é a cor típica dos guerreiros e da nobreza, principalmente somado a detalhes dourados como os apresentados na obra, tendo a for íris ligada a classe samurai e a flor malva ligada ao emblema da família Tokugawa,

Shishio também utiliza como identificação de clã um símbolo que se assemelha a desconstrução de uma flor. Não por acaso, a cor do traje do antagonista tem matiz azul e a fotografia do filme trabalha vermelho para os momentos de paz ou felicidade, como na imagem 3 e 4, e azul para os momentos de tensão e violência. Esse recurso é utilizado no traje de Kenshin enquanto Battousai da mesma forma, já que ele passa a lutar contra si mesmo. Em um determinado ponto da franquia, a oposição semântica das cores é muito mais forte na fotografia, trabalhando a sensação de permeabilidade entre os dois tempos da personagem, como podemos ver na imagem 4.

Imagem 4 - O novo traje e a passagem do vento



Fonte: Rurouni Kenshin The Final (2021)

Kenshin procura o pacifismo, mas não consegue se desvencilhar dos princípios e da honra ligada ao guerreiro samurai, seu desejo passa a ser proteger os fracos utilizando sua nova espada: *sakabatou*, cuja lâmina é invertida, como a tradução literal sugere, o objetivo é redimir-se pelas vidas tiradas anteriormente. Martin, destaca a importância simbólica da espada japonesa, ligada tanto ao seu criador, que adota uma postura cerimonial e quase religiosa na confecção, quanto ao seu espadachim. As espadas que recebem um nome também recebem um coração e uma filosofia, como uma entidade viva (MARTIN, 2020, p. 492). A *sakabatou* reflete a inversão de seu uso e pensamento do dono, não é feita para cortar ou matar, mas para proteger, assim como comentado por Kathleen (2020), a espada está associada a sacrifício e a clareza, está fadada a cortar, mas também é a união (MARTIN, 2020, p. 492). A *sakabatou* não corta e se mantém limpa, enquanto a espada de Battousai sempre está suja de sangue. Nas palavras de Kathleen, “o melhor espadachim é aquele que alcança a capacidade para utilizar as sutilezas que animam o espírito da espada” (MARTIN, 2020, p. 492), não por acaso, a tradução de ‘Kenshin’ é entendido como ‘coração da espada’.

O último elemento a ser destacado é a cicatriz em forma de cruz. O primeiro e maior corte foi feito por um nobre, noivo, assassinado por Battousai ao final do Edo e o segundo, pela noiva viúva. Dentro da narrativa há a superstição que um ferimento feito por uma lâmina, com rancor extremo, não desaparece até que haja perdão. A marca no rosto de Himura permanece como um lembrete, no mangá, o corte sangra constantemente e o personagem sempre precisa de água para limpá-lo, na adaptação, o ferimento não

sangra com frequência, mas a relação de necessidade de purificação se mantém, principalmente porque Battousai lava as mãos antes de entrar na estalagem sempre que volta de uma missão, há então a clara relação com a entrada em um lugar de alguma forma entendido como sagrado.

Considerações finais

Iniciado seu processo de absolvição, Kenshin não mais esconde o cabo da espada entendendo que ela pode ajudar e proteger em vez de matar. Ele deseja manter sua promessa a qualquer custo, mas a decisão é testada quando surgem as ameaças de Shishio. Na obra Rurouni Kenshin: O Inferno de Kyoto (2014) a narrativa direciona o personagem para os próximos desafios, um deles Kenshin não pode recusar. Ele entende que terá que sair do novo lar e da nova paz para revisitar o passado violento para garantir a permanência do novo pensamento desta era, em um ato simbólico, o kimono vermelho é deixado no varal (imagem 5) quando ele volta ao estado de andarilho, dessa vez, com traje preto como representação da destruição, do medo e da tristeza.

Imagem 5 - Kimono deixado para trás



Fonte: Rurouni Kenshin (2014)

Mais a frente nas obras que completam a série, vemos que Kenshin Himura entende que é possível ir até o fim de sua jornada de proteção do novo sistema sem precisar cair no passado novamente. Quando essa percepção está mais do que clara, sua jornada continua com o traje vermelho que simboliza sua redenção, coragem e valor pela vida. Mediante a escolha de desenho para o projeto de traje e como o cenário é trabalhado, pode-se compreender de forma intensificada as características da personalidade e da história da personagem, elementos que completam as entrelinhas da narrativa, e criam elos entre espectador e obra para que a mensagem seja passada.

REFERÊNCIAS

- ANAWALT, P. Rieff. **A história mundial da roupa**. 1. ed. São Paulo: Senac, 2011.
- BARBOSA DA SILVA, Diego. **A política linguística no Japão da Era Meiji**. In: Anais do XX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e

Cultura Japonesa e VII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil. São Paulo: USP, 2009, p. 320-327.

LEVENTON, Melissa. **História Ilustrada do Vestuário**. Publifolha, 2009.

MARTIN, K. **O livro dos símbolos**. 1. ed. Taschen, 2020.

SAKURAI, C. **Os japoneses**. Editora Contexto; 2ª edição, 2007.

SETTE, L. P. Lindenberg. **A revolução samurai**. S.Paulo: Massao Ohno Editor, 1991.

YAMADA, E. Aisaka. **A Era Edo (1603 – 1867) e o Japão Contemporâneo (2003 – 2010)**: [...] Tese Doutorado UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

YAMASHIRO, J. **Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII**. São Paulo, IBRASA, 1989.

_____, J. **Pequena história do Japão**. São Paulo, HUCITEC, 1964.

